

O capítulo “A Igreja Medieval” de Raynor, mostra como a música nas Igrejas Católicas se posicionavam mediante aos cultos, hinos, coros e técnicas que com o decorrer do tempo, obtiveram mudanças em cada século.

A música a princípio era de extrema utilidade para a fixação rítmica que foram trabalhados em determinados períodos. As Igrejas Cristãs usavam somente o meio musical como forma de cultuar e de não desviar a atenção no divino, focando apenas na Igreja. A récita de rezas, lições, epístolas e evangelhos eram as principais formas de entonação que todas as Igrejas aderiram.

O Coro Papal é a mais antiga organização musical registrada, no qual os integrantes eram cantores treinados na Schola Cantorum romana, sendo assumido integralmente pelo papado de Gregório, o Grande, perdurando de 590 a 604. O objetivo dessa Schola não era somente de se preocupar com a execução musical, mas também que fossem cantados o canto reformado e não aos cantos tradicionais locais. O coro papal tornou-se o mais conservador de todos os órgãos religiosos.

A introdução de um instrumento musical nas igrejas entrou em evidência no fim do século XII, sendo o Órgão o primeiro instrumento utilizado para a execução das músicas cristãs, tornando-se comum nos últimos 200 anos. Esse instrumento foi de extrema importância dentro dos cultos, dando início a grande revolução da música eclesiástica.

A Igreja tinha uma enorme aliança com as universidades. Em Notre Dame, Paris, muitos docentes de universidades eram professores dos meninos coristas na escola coral, preparando também para a faculdade dando oportunidade por meio da Igreja de conseguirem uma bolsa universitária. Diferentemente no século XIV em Oxord, por exemplo, as faculdades eram casas religiosas, sendo equipado por adultos e meninos para cantar as missas religiosas.